

## «EMMA QUERIDA, NÃO VOU TE DEIXAR»

Preso por uma terrível tempestade de neve dentro da condução em que fazia turismo pelo país, o casal octogenário viveu uma longa e aterrorizante vigília de morte.

NUMA ensolarada manhã de fevereiro, no sul da Califórnia, Larry Shannon e Emma, sua mulher, estavam de ótimo humor. Instalados em sua casa motorizada\* de quase 7m de comprimento, estavam viajando há aproximadamente quatro meses; tinham visitado uma filha na Florida e logo chegariam à casa de uma segunda filha, Patti, em Modesto. Aí pretendiam passar vários meses antes de voltarem para casa, em Grand Rapids, Michigan.

\* Denominação dada a um veículo especial, tipo trailer, montado diretamente sobre o chassi de um caminhão, que se utiliza em alguns países para fazer turismo.

Larry comemorara o seu 82.º aniversário no dia anterior, e Emma era dois anos mais nova. Estavam casados há 52 anos. Depois de criados seus seis filhos, Larry se aposentara do emprego de soldador-chefe e o casal passara a excursionar pelo país. A saúde de Emma, porém, começou a ficar abalada (agora ela estava quase inválida), e Larry passou a dedicar sua vida a cuidar da mulher, a dar-lhe ânimo.

Certo dia, em 1974, conversando na casa de Grand Rapids, Larry de repente ficou sério. «Emma», disse ele, «não vamos ficar sentados aqui, esperando para ver qual de nós dois vai ser o primeiro a precisar do agente funerário. Vamos comprar uma casa motorizada e ver esta terra como deve ser:» • Irlandês vigoroso, de olhos azuis, cabeça completamente branca e um bigode cuidadosamente aparado, Larry Shannon, uma vez tomada qualquer decisão, não era dado a mudar de ideia com facilidade. «Vamos evitar as rodovias expressas e viajar pelas estradas rurais», informou ele a Emma. «Dessa forma não vamos precisar correr tanto, e assim apreciamos muito mais a viagem.»

DIRIGINDO através dos morros nos contrafortes da High Sierra, Larry parou no acostamento e examinou seu mapa rodoviário. «Vamos seguir por este caminho», disse ele, apontando para uma linha fina. azul, que ziguezagueava pelas montanhas e descia no verdejante vale de San Joaquin.

A estrada por ele escolhida começa no turbulento rio Kern, sobe bruscamente para oeste e atravessa um desfiladeiro de 1.950m, até descer no vale central da Califórnia. Por volta do meio-dia Larry começou a se preocupar. O tempo ficara nublado, havia começado a nevar e ao longo da estreita estrada montanhosa não havia muitos locais onde se pudesse manobrar o veículo. Ele examinou o mapa. «A cidade mais próxima deve ser logo adiante nesta estrada», sugeriu «Vamos esperar até que pare de nevar.»

O que Larry Shannon não sabia era que estava na estrada errada. Com a linha central de demarcação encoberta pela neve, ele se havia desviado da estrada certa para uma vereda secundária do Serviço Florestal e esta não dispunha de serviços de manutenção durante o inverno. A sua frente o caminho terminava abruptamente num acampamento abandonado, e mais adiante havia um dos matagais mais agrestes dos Estados Unidos.

Eram 13:00 quando os dois tomaram consciência de que estavam bloqueados. No momento em que Larry reduziu a marcha para fazer uma curva fechada, as rodas traseiras se afundaram no gelo e começaram a girar livremente. Metido num suéter e com dois casacos, ele desceu do carro para examinar a situação. O caminho estreito era praticamente cavado na encosta do penhasco. A esquerda, 750m acima deles, elevavam-se picos de 2.400m, pontiagudos como agulhas; à sua direita havia um precipício de 300m que terminava numa garganta.

O casal Shannon estivera viajando pelos estados quentes do Sul e não tinha trazido pás, correntes, nem mesmo botas. Utilizando uma panela como concha, Larry trabalhou em vão durante duas horas, tentando desenterrar da neve as rodas traseiras. Afinal, encharcado e com frio, atendeu aos rogos de Emma de que voltasse para dentro da casa motorizada. «Amanhã dou um jeito e saímos daqui», prometeu ele. Isto foi na terça-feira, 7 de fevereiro de 1978.

Por volta das 2:00 da madrugada de quarta-feira, os Shannon ouviram um estrondo que abalou seu veículo e fez latir Andy, o cachorrinho poodle. Quando amanheceu, viram que tinha havido um deslizamento de rochas na vertente da montanha, o que empilhara várias toneladas de entulho na estrada à sua frente. Parara de nevar, mas Larry compreendeu que, se outro desmoronamento atingisse o veículo, eles seriam esmagados ou atirados na garganta lá embaixo. Imediatamente ligou o rádio transmissor-receptor, passando a maior parte do dia tentando entrar em contato com a delegacia do xerife, com uma estação de patrulheiros, enfim, com qualquer pessoa que fosse. Isolada pelos altos picos, sua transmissão não foi ouvida. As 14:00 concluiu que aquilo era inútil, mas ensinou Emma a operar o rádio antes de voltar sua atenção para o problema da casa.

Munido de uma alavanca de desmontar pneus, ele começou a martelar o gelo onde as rodas se haviam enterrado. Depois ligou o motor e conseguiu libertar o veículo, mas, no momento em que ele começava a se mover para frente, sentiu um solavanco súbito, seguido de um ruído de uma coisa que se tinha quebrado. Partira a junta universal. «Olhe», disse ele a Emma, tentando parecer alegre, «só nos resta esperar sentados até que alguém venha nos apanhar.» As 17:00 recomeçou a nevar.

Novou na quinta-feira o dia inteiro, enquanto Larry conversava sem parar, para animar a mulher. «Uma coisa a gente tem a nosso favor», lembrou ele. «Quando virem que nós não aparecemos, Patti vai ficar preocupada e chamar a polícia.» Larry torrou no fogão a gás todo o pão que restava, para que não mofasse, e depois verificou o estoque de alimentos enlatados. «Temos comida bastante», estimou ele. «Vai dar tudo certo.» Jogaram cartas, conversaram sobre seus seis filhos e deram risadas lembrando o passado. Tentavam esquecer o presente.

Por volta das 16:00 da tarde seguinte, Larry estava ajudando Emma a descer da cadeira quando ela perdeu a consciência. Pensando que se tratasse de um dos desmaios passageiros da mulher, ele se debruçou sobre ela e então sentiu-se ele próprio dominado pela tonteira e o enjôo provocados pela altitude. Mal conseguiu chegar ao beliche, antes de perder os sentidos. Quando despertou, já estava escuro. Tateou à procura de uma luz e encontrou Emma caída no chão, respirando com dificuldade. Debilitado demais para movê-la, Larry colocou um travesseiro sob a cabeça da mulher, cobriu-a com um cobertor e novamente perdeu os sentidos.

Às 3:00 da madrugada foi despertado por Andy, latindo e quase frenético. Aproximou-se de Emma. Não estava respirando. Pegou-lhe a mão: fria e sem pulso. Emma estava morta.

Atordoado, Larry Shannon cerrou os olhos da esposa; em seguida ajoelhou-se e rezou. Quando nos descobrirem, em meados do ano que vem, pensou ele, é provável que me encontrem ao (adir dela. Atravessamos a vida juntos... e juntos a terminaremos.

De manhã, porém, o desejo de viver de Larry foi reativado por um propósito inabalável de cuidar de Emma até o fim. Temeroso de que os animais atacassem o cadáver se ele o colocasse lá fora na neve, cobriu-o com cobertores e um sobretudo, deitou-o no ponto mais frio do assoalho e desligou o aquecedor a gás. Emma querida, prometeu ele, não vou te deixar. Então começou a tomar todas as providências ao seu alcance para sobreviver.

Vendo que seus pais não apareciam, quando chegou o fim de semana, Patti Spurr começou a ficar preocupada. O mau tempo por todo o sul da Califórnia havia provocado uma série de desmoronamentos. Seria possível que a casa motorizada deles tivesse ficado soterrada numa avalanche? A polícia da região lhe assegurou que todos os deslizamentos haviam sido metodicamente verificados. Não fora localizada qualquer casa motorizada verde e branca, com placa do Michigan.

Ela se dirigiu à patrulha rodoviária, mas foi informada de que ali não poderiam ajudá-la, a menos que tivessem alguma ideia de onde procurar. «Se existem 103 caminhos para escolher, papai há de tomar na certa o 104.º», pensou Patti consigo mesma. «Eu não sabia o que dizer aos patrulheiros.»

LARRY ficou observando a neve se acumular até atingir uma altura de quase 2m. Diversas vezes por dia abria a porta a fim de que ela não ficasse bloqueada, e depois removia a neve com o auxílio de uma panela. Assinalava o passar dos dias num calendário, anotava meticulosamente as temperaturas (interna e externa) e escrevia seus pensamentos num caderno. No interior do veículo o termômetro à noite baixava para seis ou sete graus abaixo de zero. Para se aquecer, ele vestiu dois conjuntos de roupas de baixo feitas de material isolante, dois suéteres e dois pares de meias.

Naquele primeiro domingo o tempo melhorou ligeiramente e ele observou cinco cervos subindo do desfiladeiro, com apenas as cabeças e os pescoços aparecendo por cima dos montes de neve. Recomeçou então a

nevar, e não diminuiu até o dia 14 de fevereiro, uma semana após o início da odisseia.

Naquela manhã Larry acordou cheio de esperanças. O Sol estava brilhando e a neve «reluzia como diamantes». Escancarou a porta e, com a caçarola, começou a abrir uma passagem em volta da casa motorizada. Varreu o teto para que ficasse mais visível a qualquer socorro aéreo. Ouviu um jato lá em cima e correu até a casa em busca de foguetes de sinalização, mas nesse ínterim o jato já se tinha distanciado. Larry passou o resto do dia tentando em vão entrar em contato com alguém pelo rádio, e novamente se sentiu desalentado. Que diabo de jeito de se chegar ao fim de 82 anos! pensou ele. Mas se for assim, assim o será.

Apesar disso o desejo de sobreviver tornou a vencer. Continuou a varrer o teto e a manter uma passagem aberta para que ele e Andy pudessem fazer um pouco de exercício. Derretia a neve no fogão a gás, transformando-a em água potável, e se obrigava a fazer duas refeições por dia para conservar as forças. Os Shannon haviam comprado um farto sortimento de frutas cítricas alguns dias antes de ficarem ilhados. Agora Larry comia todas as manhãs metade de uma toranja, juntamente com um pedaço de pão torrado. No jantar lançava mão do estoque de sopas enlatadas e conservas.

Em Modesto, Patti Spurr e seu marido, George, intensificavam os esforços. Ante a possibilidade ainda que remota de seus pais se haverem apenas atrasado e esquecido de avisar, Patti pediu numa estação de TV das proximidades que transmitissem uma mensagem pedindo-lhes que telefonassem. Quando os Spurr entraram em contato com a Patrulha Aérea Civil, foram informados de que já fora realizada uma busca aérea estadual. Nenhum veículo como o dos Shannon tinha sido encontrado.

PARA Larry Shannon as coisas iam muito mal. Apareceram nuvens encobrendo as montanhas; durante cinco dias uma chuva pesada martelou sobre o teto metálico. A 7 de março, 29.º dia da tragédia, o tempo melhorou e um jato da Força Aérea passou em vôo rasante pelo desfiladeiro à direita, quase ao nível dos olhos de Larry, fazendo vibrar as vidraças da casa motorizada. Passou três vezes, executando círculos do lado sul, e depois voltou, ribombando, rumo à garganta. Larry imaginou ver um sinal luminoso piscando da cabina do piloto.

Ficou tão agitado que naquela noite não conseguiu dormir. Pela primeira vez desde a morte de Emma, acendeu as luzes da casa motorizada (não as havia utilizado para não gastar a bateria), fez a barba e arrumou uma mala, na esperança de ser resgatado. No dia imediato, entretanto, nada aconteceu. O «sinal» fora um logro cruel, um reflexo do Sol sobre o revestimento metálico do avião. «É duro a gente criar esperanças e depois ser iludido», anotou' ele, «mas a vida é assim mesmo.»

Na manhã de 10 de março Larry estava assinalando o 32.º dia de desespero em seu calendário quando um ruído súbito e trepidante fez que ele sáisse correndo, no momento exato em que o rotor da cauda de um helicóptero desaparecia do outro lado do morro. Os três homens a bordo do aparelho (cuja meta era o acampamento abandonado no final da estrada

auxiliar) olhavam atônitos, sem acreditar no que viam. Fizeram um círculo, voltaram e desta vez enxergaram um homem de cabeça branca, acenando-lhes com os braços.

Com menos de 2m entre as pás giratórias e o lado da muralha de granito, o piloto Bob Wasik baixou o helicóptero, pousando-o na neve para ganhar firmeza. Com as pás ainda em movimento, os três homens saltaram do aparelho e foram patinando pela neve molhada em direção a Larry. O primeiro a alcançá-lo, John Bethell, deu-lhe um abraço bem apertado.

«Você é um anjo caído do céu», disse Larry Shannon, com voz trêmula. E pela primeira vez, desde o início dos 32 dias, chorou.

As EXÉQUIAS de Emma Shannon celebraram-se em Modesto, alguns dias após o resgate. Larry tinha emagrecido mais de 7kg, mas estava bem de saúde. Em breve até falava em voltar na casa motorizada para Grand Rapids.

Bob McAdams, o terceiro membro do grupo de resgate, resumiu o caso todo: «Larry Shannon é um exemplo do espírito indomável do homem. Ele não quis desistir.»

«O espírito de mamãe também influiu», acrescenta Patti. «Se papai tivesse tentado partir sozinho, teria morrido. Mesmo na morte mamãe cuidou dele: salvou-lhe a vida porque ele ficou a seu lado.»